

## **Do protagonismo/liberdade à captura: um dilema permanente do agir e algumas de suas implicações para a prática da vigilância à saúde**

Prof. Dr. Emerson Elias Merhy  
DMPS/FCM/UNICAMP  
Campinas, abril de 98

Introdução - Liberdade versus determinação: um dilema da práxis humana  
Parte 1 - Descrevendo genericamente um processo de trabalho e pensando sobre aqueles centrados no trabalho vivo ou no trabalho morto  
Parte 2 - Imaginando a polêmica entre Marx e Taylor sobre o protagonismo/liberdade e algumas idéias em torno da micropolítica do trabalho vivo em ato  
Parte 3 - **Exercícios.** Refletindo sobre alguns processos de trabalho e a produção de riscos.  
Parte 4 - Enfim, fazendo algumas perguntas para serem pensadas coletivamente

## Introdução

Ao olharmos com atenção para uma abelha nos seus momentos de produção da colméia e os compararmos com aquele utilizado por um ser humano na fabricação de uma moradia, poderemos dizer que mesmo o pior dos “arquitetos”, produz imaginariamente a casa em seu pensamento, antes de realizar seus atos concretos de produção. Por mais que acreditamos que a abelha também “pensa” sobre a colméia, há algo que nos diz que todas elas pensam sempre a mesma colméia e a produzem do mesmo jeito, dentro da sua espécie, independente do passar do tempo. O homem tem um tempo histórico diferenciado. Em cada um deles a noção de moradia e sua imagem é modificada. E, tudo indica que o “código” que funciona definindo a relação da abelha com a produção da moradia é quase fixo, enquanto o do humano é variável e definido social, histórica e culturalmente.

Podemos continuar afirmando que estas duas “máquinas biológicas” não se equivalem, pois a humana expressa suas necessidades como expressões de intenções e desejos de modos muito variados, que nos permite dizer que esta é uma “máquina biológica desejante” definida pelo seu modo de estar e ocupar lugar no mundo/natureza, e que se comporta como uma máquina não totalmente previsível e determinada.

Esta metáfora do trabalho da abelha construindo sua colméia, utilizada por Marx<sup>(1)</sup> para pensar sobre o agir humano como práxis, pode não ser reveladora de todas as questões que estão envolvidas em torno desta problemática, mas com certeza é uma boa forma de abrir algumas reflexões sobre a prática da abelha e suas distinções com a práxis humana.

---

1 Marx, K. O Capital, volume 1. DIFEL. 1985.

Na prática o agir não é reflexivo, isto é, não expressa um fazer que é pensado, elaborado e até mesmo disputado entre os que pensam, é um simples fazer, repetido e previsível. Na práxis o agir é reflexivo, criativo, e está sempre situado em um certo fazer livre e imprevisível, mesmo que dentro de um contexto social, historicamente definido e imposto.

A práxis humana opera, portanto, como um fabricar “mundos” para o homem ao mesmo tempo que fabrica o próprio homem. É um produzir o mundo que é um produzir o homem como ser. Já a prática da abelha, fabrica o mundo para si para dar condições da abelha se reproduzir, porém não produz a abelha como um ser, simplesmente a reproduz.

Talvez uma das questões mais interessantes a se pensar sobre o que estamos falando seja a das relações entre agir de um modo livre versus agir de um modo total e previamente definido. Cremos que os humanos estão sempre nesta tensão, enquanto as abelhas não. Dizemos que o fazer humano é uma combinação entre um modo vivo de ação em ato, produto de um trabalho vivo atuante no momento da produção em si, com um outro dado pelos trabalhos já realizados antes daquele ato de produção e contidos, por exemplo, nas ferramentas que são utilizadas, já previamente definidos para aquele momento de produção e que funcionam como um trabalho morto (realizado antes). No caso da abelha, o seu fazer já é todo previamente definido e comanda integralmente o seu produzir, como se tudo fosse já como um trabalho morto<sup>(2)</sup>.

Por isso, acreditamos que ao pensarmos sobre as relações dos homens nos seus trabalhos devemos destacar esta temática do protagonismo/liberdade e do protagonismo/determinação, pois é na possibilidade dos homens “fugirem” do que

---

<sup>2</sup> Na parte 1, adiante estaremos pensando sobre isto.

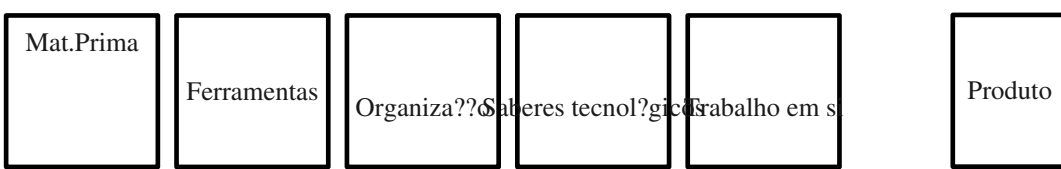
é dado e definido “a priori”, que eles fazem o novo, o diferente, a sua história. Porém, não a fazem de qualquer jeito, mas partindo do que vivem, do que experimentam, do que disputam entre si. Acrescente-se a esta reflexão uma fala de Gramsci, que dizia: que todo homem é um intelectual e, por isto, qualquer homem disputa com os outros, não só o modo de fazer as coisas, mas também o modo de pensá-las, de desejá-las. Por isso, qualquer homem é sempre um sujeito em ação praxica.

Talvez, o lugar dos processos de trabalho seja um dos lugares do agir humano que melhor permite localizarmos estas questões, e que pode nos aproximar de uma reflexão que possibilita o entendimento de como os homens produzem a natureza para si, ao mesmo tempo que se produzem, e quais são os “riscos” destes modos de ser e estar no mundo, para a própria maneira do humano caminhar a vida.

### **Parte 1 - Descrevendo genericamente um processo de trabalho e pensando sobre aqueles centrados no trabalho vivo ou no trabalho morto**

Com a perspectiva de aprofundar a compreensão das questões levantadas até agora, vamos inicialmente partir de um esquema que nos permita pensar sobre os diferentes modos do agir humano no ato produtivo e os tipos de questões que são interessantes levantarmos sobre este processo, na direção de nossa reflexão.

Vejamos, então um diagrama que procura representar qualquer ato produtivo bem simples, como por exemplo a produção de um produto realizado por um sapateiro-artesão. Em primeiro lugar vamos pensar sobre as várias etapas deste processo de produção de um sapato, o produto final realizado por aquele artesão. De uma maneira bem geral, podemos dizer que neste processo há a presença de cinco situações que valem a pena descrevermos, como mostra o desenho adiante, e que procuraremos relacionar com a forma de trabalho morto ou vivo, que



expressam<sup>(3)</sup>:

T.M.      T.M.      T.M./T.V.      T.V./T.M.      T.V.      T.M.

T.M. - trabalho morto

T.V. - trabalho vivo

a - vemos que a produ??o do produto sapato pressup?e o encontro do trabalho em si do sapateiro-artes?o com certas mat?rias-primas, como o couro, o prego, a linha, a tinta, entre outras. Podemos afirmar que estas mat?rias-primas s?o produtos de trabalhos humanos que as concretizaram, pois as mesmas n?o est?o prontas na natureza, e mesmo se estivessem j? prontas, como se brotassem em ?rvores, seria necess?rio realizar um trabalho humano para colet?las, antes de que as mesmas pudessem entrar no processo produtivo do sapateiro. Dizemos, ent?o, que as mat?rias-primas s?o produtos de trabalhos humanos anteriores, que nos seus momentos de a??o tinham uma dimens?o viva, mas que agora como produto mat?ria-prima do sapateiro, est? expressando um trabalho morto, resultado do vivo anterior que o produziu.

b - vemos que as ferramentas que o artes?o-sapateiro usa para produzir o sapato, como um martelo, uma faca, um pincel, entre outras, tamb?m, s?o ? semelhan?? do que dissemos sobre as mat?rias-primas, produtos de trabalhos anteriores que se fazem presentes agora como trabalho morto, i. ? j? realizado e coagulado no

---

<sup>3</sup> Este tema sobre as dimens?es vivas e mortas do trabalho humano ? tratada pelo autor em um texto denominado "Em busca do tempo perdido: a micropol?tica do trabalho vivo em ato", publicado como cap?tulo 2 no livro de Merhy, E.E. e Onocko, R. (orgs.) Agir em Sa?de, Hucitec, S?o Paulo, 1997.

produto. Desta forma, o trabalho anterior de produzir ferramentas estará presente no ato de produção do sapato, e o influenciará, mas não está em ato, não está vivo.

c - o artesão para juntar matéria-prima e ferramenta na direção da produção de sapatos, precisa antes de tudo ser possuidor de um certo saber tecnológico, que lhe permita dar, pela sua ação concreta em si de trabalhar, dentro de uma certa maneira organizada de realizá-la, formato de produto ao desenho imaginário que tem em sua mente, expressando o seu projeto. Este saber é complexo e é, em última instância, uma parte fundamental do saber fazer sapatos, que no processo de produção está contido também na dimensão organização do processo. Faz parte dele, por exemplo, o conhecimento sobre o couro mais apropriado, as técnicas de corte, o conhecer as tintas melhores e suas adequações com o material que está sendo usado, mas também a maneira de organizar temporalmente estes conhecimentos, enquanto atividades, como um processo de produzir. Isto é, o que deve ser feito antes, como deve ser feito, quanto se deve esperar para realizar os atos seguintes de produção, e assim por diante.

d - entendemos que estas duas dimensões, a da organização e a do saber tecnológico, não se comportam do mesmo jeito que os das matéria-prima e ferramenta, pois neles o artesão real que está fazendo o trabalho conta com peso, tem importância. A sua história, suas habilidades, sua inteligência, sua capacidade inventiva, pode operar nestas situações de organizar os processos e o de compor os saberes tecnológicos. Assim, dizemos que nestes dois momentos do processo produtivo, o da organização e o do saber, há uma situação dupla: a presença de saberes - tanto tecnológicos, quanto organizacionais -, produzidos anteriormente e apreendidos pelo artesão, que expressam então trabalhos anteriores e se colocam como representantes do trabalho morto, mas que sofrem a influência real do trabalhador concreto que está atuando e o seu modo de colocá-los no ato

produtivo, como representantes do trabalho vivo em ato. Isto faz com que nestas duas dimensões haja a convivência destas duas modalidades de trabalho no fazer do sapateiro-artesão ao produzir concretamente o seu produto imaginado. Por isso, apontamos que nestas duas situações há uma combinação de trabalho vivo e morto, simultaneamente. Indicamos que o grau de liberdade desta relação é um pouco mais favorável na dimensão saber tecnológico em relação à organização, pois esta tende a ser mais estruturada, mais governada pelo pólo trabalho morto.

e - vale observarmos que a noção de tecnologia aqui utilizada tem uma definição mais ampla do que corriqueiramente traduzimos como tal, pois não a confundimos de maneira específica com equipamento e máquinas, mas também incluímos como tecnologias certos saberes que são constituídos para a produção de produtos singulares, e mesmo para organizar as ações humanas nos processos produtivos, inclusive em sua dimensão inter-humana. Deste modo, falamos em tecnologias duras, leve-duras e leves<sup>(4)</sup>.

f - observamos que claramente o momento do trabalho em si expressa de modo exclusivo o trabalho vivo em ato. Este momento é marcado pela total possibilidade do trabalhador agir no ato produtivo com grau de liberdade máxima, porém o exercício deste grau se relaciona com a presença simultânea das quatro dimensões anteriores, o que nos permite dizer que deve haver processos de trabalho bem diferenciados nos modos como estas relações simultaneamente ocorrem. Se imaginarmos, agora, outros tipos de trabalhos que não só o do sapateiro-artesão, podemos dizer que há processos produtivos nos quais o peso das dimensões que expressam o trabalho morto é maior que o do trabalho vivo, e há outros que se manifestam de modo contrário. Como exemplo do primeiro caso, um processo trabalho morto centrado, podemos citar a produção de uma máquina

---

4 Com maior detalhamento sugerimos a leitura do capítulo 3 do livro citado na nota anterior (3), no qual o autor descreve e define com maior precisão estes termos, porém no painel adiante fazemos um resumo destes conceitos.

em uma metalúrgica, e como do segundo caso, um processo trabalho vivo centrado, citamos a produção de uma aula ou de uma abordagem assistencial em saúde. Dizemos, então, que o processo de captura do trabalho vivo pelo trabalho morto em certas produções são diferenciadas, ou vice-versa, permitindo-nos imaginar situações nas quais o exercício do protagonismo/liberdade ou do protagonismo/reprodução estejam ocorrendo no interior do mundo geral da produção. Onde há homens produzindo há esta polarização, independente do que se está produzindo, pois isto ocorre tanto no mundo dos setores primário, secundário e terciário da produção, quanto da produção social em geral.

g - com o painel desenhado adiante procuramos sistematizar algumas questões-chaves para entender o modo como trabalhamos com a noção de tecnologia em saúde, a partir desta perspectiva teórica sobre os processos de trabalho:

#### **PAINEL - DEZESSETE TESES SOBRE A TEORIA DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS EM SAÚDE**

tese 1 - falar em tecnologia é ter sempre como referência a temática do trabalho; e falar em trabalho é falar em ação intencional sobre o mundo na busca da produção de “coisas” (bens/produtos) - que funcionam como objetos, mas que não necessariamente são materiais, duros, pois podem ser bens/produtos simbólicos (valores de uso) - que satisfaçam necessidades;

tese 2 - a ação intencional do trabalho realiza-se em um processo no qual o trabalho vivo em ato, possuindo de modo interessado instrumentos para a ação, “captura” interessadamente um “objeto/natureza” para produzir bens/produtos (as coisas/objetos); e que pode ser esquematicamente visualizado no desenho, exemplificado a partir do trabalho de um artesão-marceneiro, em geral; e no qual o trabalho em si atua como trabalho vivo em ato e os instrumentos de trabalho, bem como a organização do processo, como trabalho morto. A rigor, a própria matéria-prima é trabalho morto, pois ela não é um dado bruto da natureza, mas é um produto de um trabalho vivo anterior que a produziu como natureza modificada;

tese 3 - o modo do trabalho vivo em ato realizar a captura do “mundo” como seu objeto é vinculado ao modo como o trabalho vivo que o antecedeu, e que agora se apresenta como trabalho morto, atua, enquanto um determinado processo de produção também capturante, mas agora do próprio trabalho vivo em ato, e que se expressa como um certo modelo (dentro de um certo modo) de produção;

tese 4 - neste modo de possuir, o trabalho vivo em ato opera como uma máquina de guerra política, demarcando interessadamente territórios e defendendo-os; e, como uma máquina desejante, valorando e construindo um certo mundo para si (dentro de uma certa ofensiva libidinal);

tese 5 - este modo de possuir (como produção) instrumentos e pedaços da natureza, produzindo-os como ferramentas e objetos, dando-lhes uma razão instrumental, apresenta-se como tecnologia enquanto saber. As máquinas-ferramentas, por sua vez, são suas expressões como tecnologias-equipamentos;



tese 6 - as máquinas-ferramentas são expressões tecnológicas duras, das tecnologias-saberes (leve-duras) e, como equipamentos tecnológicos, não têm razão (instrumental) por si, pois quem a torna portadora desta intencionalidade racional-instrumental é o trabalho vivo em ato com seu modo tecnológico (seu modelo de produção) de agir;

tese 7 - o trabalho em saúde é centrado no trabalho vivo em ato permanentemente, um pouco à semelhança do trabalho em educação. Além disso, atua distintamente de outros processos produtivos nos quais o trabalho vivo em ato pode e deve ser enquadrado e capturado globalmente pelo trabalho morto e pelo modelo de produção;

tese 8 - o trabalho em saúde não pode ser globalmente capturado pela lógica do trabalho morto, expresso nos equipamentos e nos saberes tecnológicos estruturados, pois o seu objeto não é plenamente estruturado e suas tecnologias de ação mais estratégicas se configuram em processos de intervenção em ato, operando como tecnologias de relações, de encontros de subjetividades, para além dos saberes tecnológicos estruturados;

tese 9 - por isso, classificamos as tecnologias envolvidas no trabalho em saúde como: leve (como no caso das tecnologias de relações do tipo produção de vínculo, autonomização, acolhimento, gestão como uma forma de governar processos de trabalho), leve-dura (como no caso de saberes bem estruturados que operam no processo de trabalho em saúde, como a clínica médica, a clínica psicanalítica, a epidemiologia, o taylorismo, o fayolismo) e dura (como no caso de equipamentos tecnológicos do tipo máquinas, normas, estruturas organizacionais);

tese 10 - no trabalho em saúde não cabe julgar se os equipamentos são bons ou ruins, mas qual razão instrumental os estão constituindo e dentro de que jogo de intencionalidades; cabendo, portanto, perguntar sobre que modelagem de tecnologia do trabalho vivo em ato se está operando, como ela realiza a captura das distintas dimensões tecnológicas, e o lugar que os usuários/necessidades e os trabalhadores/necessidades, como intenções, ocupam na rede de relações que a constitui;

tese 11 - o trabalho vivo em ato opera com tecnologias leves como em uma dobra: de um lado, como um certo modo de governar organizações, de gerir processos, construindo seus objetos, recursos e intenções; de outro lado, como uma certa maneira de agir para a produção de bens/produtos; sendo uma das dimensões tecnológicas capturantes que dá a “cara” de um certo modelo de atenção;

tese 12 - para compreender os modelos tecnológicos e assistenciais em saúde, portanto, deve-se tomar como eixo analítico vital, o processo de efetivação da tecnologia leve, e os seus modos de articulação com as outras;

tese 13 - a tecnologia em saúde, dividida em tecnologia leve, leve-dura e dura, permite expor a dinâmica do processo de captura do trabalho vivo, pelo morto, e vice-versa, no interior dos distintos modelos techno-assistenciais em saúde;

tese 14 - a efetivação da tecnologia leve do trabalho vivo em ato na saúde, se expressa como processos de produção de relações interseçoras em uma de suas dimensões chaves, que é o seu encontro com o usuário final, que “representa”, em última instância, necessidades de saúde como sua intencionalidade, e, portanto, aquele que pode com seu interesse particular “publicizar” as distintas intencionalidades dos vários agentes em cena do trabalho em saúde;

tese 15 - é neste encontro do trabalho vivo em ato com o usuário final, que se expressam alguns componentes vitais da tecnologia leve do trabalho em saúde: as tecnologias articuladas à produção dos processos interseçores, as das relações, que se configuram, por exemplo, através das práticas de acolhimento, vínculo, autonomização, entre outras;

tese 16 - deste lugar pode-se interrogar o formato de realização da tecnologia das relações, como um mecanismo analisador estratégico dos modelos de atenção em saúde, que tem capacidade de expor intensamente “as falhas” dos mundos do trabalho em saúde, como o “jogo” dos sentidos e sem sentidos das práticas de saúde;

tese 17 - o sentido deste interrogar deve ser o de repensar as lógicas das intencionalidades, que permita caminhar para a “publicização” do espaço da gestão do processo de trabalho em saúde, no qual elas se efetivam, pondo em jogo a possibilidade de incorporação de um outro campo de tecnologias, que é aquele que se articula com os processos de “governar” estabelecimentos (enquanto organizações), e nos quais se faz presente o encontro do trabalho vivo em ato com os distintos agentes, seus projetos e métodos, referentes aos diferentes espaços da gestão.

(produzido a partir do capítulo 3 do livro AGIR EM SAÚDE, já citado)

h - este processo polarizado de possíveis capturas totais do trabalho humano vivo em ato pelo trabalho morto, que é expressa na tensão autonomia versus determinação, não é estranha aos diferentes pensadores da sociedade contemporânea, e em particular de dois deles que se colocaram em lugares bem diferenciados quanto a este debate, a quem nos reportaremos para nos ajudar a trabalhar com esta temática, que sem dúvida está implicada na discussão da ação humana produtora de “riscos” para a saúde, em ambientes produtivos, e das possibilidades de controle e/ou prevenção. Trabalharemos adiante com Taylor e Marx<sup>5</sup>, em busca do debate que fazem sobre protagonismos/liberdade e captura, e o mundo do trabalho.

---

5 Devido a vasta produção sobre estes dois pensadores, para efeito deste texto, sugerimos como bibliografia de apoio os livros “Marx” da coletânea “Os Pensadores” da Editora Abril, e “Introdução a Teoria Geral da Administração” de I. Chiavenato de Editora MacGraw-Hill.

## **Parte 2 - Imaginando uma polêmica entre Marx e Taylor sobre o protagonismo/liberdade e algumas idéias em torno da micropolítica do trabalho vivo em ato**

Vamos nos utilizar destes pensadores, para pensarmos sobre as diferentes implicações, no campo da saúde, entre as ações humanas, que em ato são capturadas pelas lógicas que comandam as organizações dos processos de trabalho através do trabalho morto, **versus** aquelas ações que em ato, devido à imposição dominante da presença do trabalho vivo como seu componente, apontam para uma profunda possibilidade des-capturante do agir humano, das lógicas que o querem amarrar, que o querem conter.

Marx, um anticapitalista convicto, entendia que um trabalhador ao atuar em uma linha de produção dentro de um estabelecimento fabril, por exemplo, estava totalmente subordinado, no seu agir, à lógica do modo duro e estruturado que a produção impunha através dos vários processos capturantes da sua capacidade de trabalhar. Isto é, o grau de liberdade de um operário agir a seu modo no interior das atividades produtivas era zero, e a possibilidade de pensar sua libertação estava dada por “algo” que influenciando sua consciência, a tornasse uma consciência de classe anticapitalista, abrindo então a chance de uma atuação organizada, como a de um grupo de trabalhadores consciente, que imporá resistências aos processos de exploração do capital. Marx apostava na força determinante do capital para organizar as atividades do trabalhador, e imaginava que a sua libertação estaria marcada pelas chances de desamarrar esta determinação pela produção de uma outra consciência operária, que permitiria possibilidades de des-capturas do trabalhador em relação a dominação capitalista. Marx era um anticapitalista que admitia a total captura do trabalho vivo pelo morto

e apostava na formação da consciência de classe, produto de processos externos ao mundo das atividades produtivas, em si.

Taylor, um capitalista convicto, umas 3 décadas após a morte de Marx, defendeu a idéia de que o modo como se organizam os processos de trabalho altera as relações entre a máquina e o trabalhador, pois pode impactar os seus movimentos no tempo. Relata que aprendeu isto “olhando” os próprios trabalhadores nas suas atividades produtivas, onde exerciam graus de liberdade diferenciadas sobre as dimensões do processo de trabalho, impondo produtividades distintas para as mesmas máquinas e linhas de produção, na realização dos mesmos produtos. Taylor advogava que o operário sem o controle do capitalista, faria uma fábrica do seu jeito, e que nem sempre este jeito era o melhor para quem visava a lucratividade e a competição no mercado. Deste modo, acabou elaborando um conjunto de tecnologias de gestão de processos de trabalho, que permitia capturar a autonomia do trabalhador no exercício do seu trabalho vivo, afim de subordiná-lo aos interesses capitalistas da empresa. Pois, só a captura realizada pelas tecnologias duras não era suficiente.

De uma certa maneira, Taylor confirma o que Marx advogou, que o estabelecimento é um lugar de intensa dominação, porém partindo do princípio de que se esta dominação não for permanentemente pensada para os exercícios dos atos dos trabalhadores, estes tendem a abrir “linhas de fugas” no interior das lógicas de produção e construir uma produção a seu modo. Taylor era um capitalista que admitia a permanente des-captura do trabalho vivo diante do mundo definido pelo morto e apostava em tecnologias gerenciais para as organizações produtivas, que capturassem o trabalhador nos seus exercícios de liberdade e autonomia, no terreno do trabalho vivo em ato.

Aliás, de passagem, afirmamos que esta é a história das teorias administrativas e

gerenciais: a produção de tecnologias leve-duras, no campo da gestão organizacional, que visam a captura do trabalho vivo, transformando-o em morto.

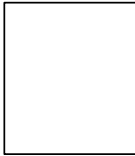
Bem, com estas “falas bem abstratas” procuramos introduzir o leitor no universo de alguns conceitos básicos que o permitam ser um analisador mais aguçado do mundo da produção em geral e da material em particular. Mas, há ainda algumas idéias não muito fáceis de serem entendidas sobre a distinção de certos processos produtivos, que necessitam serem agregadas a este conjunto de conceitos que estamos elaborando, e que fazem parte de uma leitura mais aprimorada dos processos de produção. Em particular, vale mostrarmos algumas questões chaves para compreender a distinção de um processo tipicamente fabril, de um outro mais vinculado ao setor de serviços - como o de saúde -, no que se refere as características centradas ou no trabalho morto ou no trabalho vivo, e as diferentes questões colocadas nesta distinção para a relação dos produtos realizados nestes setores de produção e o mundo das necessidades do seu consumidor.

Afirmamos que um trabalho fabril típico relaciona-se com o consumidor através do produto que este usa, enquanto que em um trabalho de serviço o ato de produção do produto e de seu consumo ocorrem ao mesmo tempo. Por isso, denominamos que no primeiro caso a relação é objetal e no segundo “interseçora”, sendo que nesta última situação o modo como o consumidor valoriza a utilidade do produto para si está sempre presente na relação imediata de produção e consumo, enquanto no do tipo objetal a utilidade do produto para o consumidor só irá se realizar na obtenção do produto e de seu consumo, e que ocorre de modo separado do mundo da produção do produto<sup>6</sup>.

Vejamos isto desenhado e comentado no painel colocado abaixo:

---

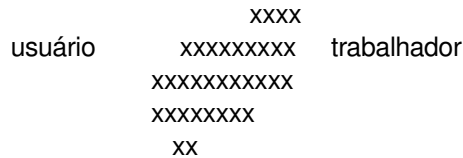
<sup>6</sup> Na parte 3, adiante, vamos detalhar esta descrição.



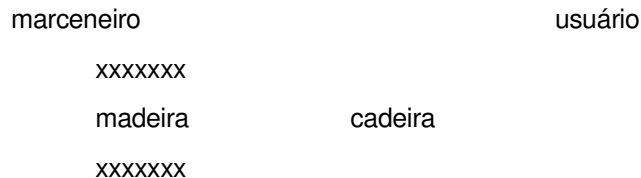
**PAINEL - TRABALHO EM SAÚDE COMO UMA RELAÇÃO INTERSEÇORA**

Quando um trabalhador de saúde encontra-se com um usuário, no interior de um processo de trabalho, particularmente clinicamente dirigido, estabelece-se entre eles um espaço interseçor que sempre existirá nos seus encontros, mas só nos seus encontros, e em ato. A imagem deste espaço é semelhante à da construção de um espaço comum de intersecção entre dois conjuntos, ressaltando que não é só na saúde que há processos interseçores. E, além de reconhecer a existência deste processo singular é fundamental na análise dos processos de trabalho descobrir o tipo de intersecção que se constitui e os distintos motivos que operam no seu interior. Vejamos isto de um modo esquemático:

1. Os esquemas mais comuns em processos de trabalho como os da saúde, que realizam atos imediatamente de assistência com o usuário, apresentam-se como o do diagrama abaixo, que chamamos de uma “intersecção partilhada”



2. Os que se constituem nos casos mais típicos de processos de trabalho, como o de um marceneiro que produz uma cadeira, mostram que o usuário é externo ao processo, pois o momento interseçor se dá com a “madeira”, que é plenamente contida pelo espaço do trabalhador, como uma “intersecção objetal”.



Esta distinção da constituição dos processos interseçores mostra como a dinâmica entre o produtor e o consumidor, e os jogos entre necessidades ocorrem em espaços bem distintos, e, inclusive, como os possíveis modelos de configuração desta dinâmica podem ser mais ou menos permeáveis a estas características.

No jogo de necessidades que se coloca para o processo de trabalho é possível então pensarmos:

1. que no processo de trabalho em saúde há um encontro do agente produtor, com suas ferramentas (conhecimentos, equipamentos, tecnologias de um modo geral), com o agente consumidor, tornando-o em parte objeto da ação daquele produtor, mas sem que com isso deixe de ser também um agente que, em ato, coloca suas intencionalidades, conhecimentos e representações, expressos como um modo de sentir e elaborar necessidades de saúde, para o momento do trabalho; e,

2. que no seu interior há uma busca de realização de um produto/finalidade. Como, por exemplo, a saúde que é um valor de uso para o usuário (Marx/Campos), que a representa como algo útil por lhe permitir estar no mundo e poder vivê-lo, de um modo autodeterminado, e dentro do seu universo de representações do que isto possa significar, e que é assimilado como um processo distinto pelos agentes envolvidos, mas que poderá porém até mesmo coincidir.

O que, de uma certa forma, mostra que a análise do processo interseçor que se efetiva no cotidiano destes encontros pode revelar a maneira como estes agentes se colocam enquanto “portadores/elaboradores” de necessidades no interior deste processo de “intersecção partilhada”.

Os agentes produtores e consumidores são “portadores” de necessidades macro e micropoliticamente constituídas, bem como são instituidores de necessidades singulares que atravessam o modelo instituído, no jogo do trabalho vivo e morto ao qual estão vinculados.

A conformação das necessidades, portanto, dá-se em processos sociais e históricos definidos pelos agentes em ato, como positivities, e não exclusivamente como carências, determinadas de fora para dentro. Aqui, não interessa o julgamento de valor acerca de qual necessidade é mais legítima que outra, este é um posicionamento necessário para a ação mas não pode ser um “a priori” para a análise, porque o importante é percebermos que todo o processo de trabalho e de intersecção é atravessado por distintas lógicas que se apresentam para o processo em ato como necessidades, que disputam como forças instituintes, suas instituições.

(produzido a partir de modificações no texto do autor contido no livro SAÚDE E DEMOCRACIA - A LUTA DO CEBES, organizado por Sonia F. Teixeira, editado pela LEMOS, 1997)

Utilizando-se do conjunto destes conceitos vamos, na parte seguinte, escolher 3 exemplos de processos produtivos que nos permitam fazer exercícios analíticos sobre o que até aqui elaboramos, mas debruçando-nos sobre os atos no trabalho e a natureza da produção de riscos à saúde, e tirar consequências desta reflexão para pensar sobre as intervenções no campo da vigilância sanitária.

### **Parte 3 - Exercícios. Refletindo sobre alguns processos de trabalho e a produção de riscos.**

Agora, temos a intenção de escolher alguns processos de trabalho e propor um exercício que utilize a “caixa de conceitos” que produzimos até agora, a fim de analisá-los na busca de uma reflexão aberta e partilhada sobre as características dos tipos de dimensões que os governam, e quais as implicações para uma ação mais livre ou determinada para o trabalhador em ação. Em que medida nestas situações estamos mais diante de homens-abelhas ou de homens-“práticos”, e o quanto o espaço de produção mais autônoma e autodeterminada implica em produção de situações de riscos à saúde e qual a possibilidade de prevení-los ou controlá-los com as tecnologias que temos na “caixa de ferramentas” da vigilância sanitária.

Entendemos que a formação da vigilância sanitária como um campo de ações em saúde, no Brasil, está diretamente relacionada com a organização da própria saúde pública, enquanto um modo de agir em saúde e como uma certa política pública do estado brasileiro. Além disso, imaginamos que é nesta história que se foi produzindo um pacote de tecnologias de ação neste campo, a cujo conjunto denominamos de “caixa de ferramentas” da vigilância. Sem querer tratar diretamente deste tema, podemos dizer que há uma certa modelagem que a vigilância sanitária brasileira vem perseguindo, que influencia seu modo de atuar e que lhe dá maior ou menor competência de intervenção diante de certos problemas de saúde.



Vemos que a história da saúde pública é muito marcada pela construção, por exemplo, de modelos de intervenção que visam atuar sobre certos riscos materiais ou biológicos, intrínsecos aos processos relacionais a que os homens estão submetidos, tanto nos planos individuais quanto coletivos, procurando controlar a sua produção ou a possibilidade das pessoas se exporem à sua presença, e mesmo sobre certos modos dos homens se comportarem, considerados como de riscos para a sua saúde, visando a produção de novos hábitos sociais.

Em função disso, a saúde pública tem sido um dos territórios de construção de uma quantidade enorme de tecnologias de intervenção sobre o meio físico, urbano, cultural, entre outros, que junto com o que a medicina tem também constituído, forma o patrimônio que a sociedade atual tem adquirido para atuar na busca de mais saúde. Cremos que são estes dois territórios que têm municiado a maior parte dos modelos de intervenção tecno-assistencial no interior das várias políticas de saúde, compostas atualmente.

O fato de que as tecnologias de intervenção na saúde pública estão marcadas pelas características acima apontadas, fazem do campo das vigilâncias sanitária e epidemiológica lugar privilegiado de conformação daquele território de ação tecnológica, ao mesmo tempo que condiciona certas competências e limites nos seus modos de encarar os problemas sanitários e na eficácia em abordá-los.

Pensar nisso é fundamental para compreender qual é a “caixa de ferramentas” da vigilância sanitária e tentar entender como esta atuaria em situações concretas que temos tido diante de nós, na prática do dia a dia, ou mesmo na análise dos exercícios propostos mais adiante.

Para realizar estes exercícios, descritos a frente, propomos a utilização do desenho de um fluxograma-resumo (como mostramos no painel mais abaixo) dos

processos produtivos pedidos nos itens A, B e C. Depois sugerimos que os mesmos sejam analisados sob a ótica do esquema apresentado na parte 1, tentando-se descrever, para cada uma das 5 dimensões, como são compostas, pensando sobre o papel que nelas desempenham os processos trabalho morto ou vivo centrados, dando exemplos de protagonismos/liberdades que operam no seu interior. Procurar, também, descrever os riscos e suas consequências e como a vigilância atuaria nestes casos. Imaginar problemas e insuficiências, inclusive os já vivenciados, nestes casos exemplos, e pensar sobre o exercício do autogoverno dos trabalhadores, no interior dos processos de trabalho, e estender esta reflexão para pensar sobre os homens-práticos fazendo a vida social como um todo.

A - desenhar e analisar o processo em um laboratório de análises clínicas, descrevendo um fluxo de produção bem simples, como por exemplo para realizar um hemograma, mas completo. Destacar as 5 dimensões operando neste fluxo, analisando-as.

B - fazer o mesmo para o processo de produção de uma máquina computador.

C - repetir a descrição e análise para a produção de uma atividade de ensino em uma tradicional sala de aula e para a produção de um atendimento assistencial em um ambulatório de saúde.

Para ajudar nestas análise, colocamos abaixo, algumas dicas de como desenhar um fluxograma de um processo produtivo para um serviço de saúde, e que pode ser aproveitado para a descrição bem simplificada de qualquer outro:

### PAINEL - FLUXOGRAMA-RESUMO

Este diagrama, o "fluxograma-resumo", tem a perspectiva de ser uma primeira "janela" de todo o processo produtivo básico, e neste caso de um serviço de saúde em particular, permitindo a abertura de novos "textos" que estão embutidos nele e que podem ser "acionados" conforme as questões ou perguntas que a gente faça, como um olhar analisador, revelando o modo de se trabalhar cotidianamente.

ENTRADA	RECEPÇÃO	DECISÃO	CARDÁPIO	SAÍDA
			DE	
			OFERTAS	
<b>Z + 100</b>	<b>100</b>	<b>90 SIM</b> <b>10 NÃO</b>		<b>90</b>

Pensando sobre um serviço de saúde, sabemos que os cem usuários que chegaram na recepção vão ser argüidos sobre o que os levaram ao serviço e, após esta "pesquisa", o trabalhador que os estará recebendo, irá "decidir" sobre para onde encaminhá-los. Decide se vai mandá-los para a próxima etapa do processo de trabalho a ser realizado dentro do próprio serviço, que é a da intervenção tecnológica em saúde propriamente dita, ou se irá mandá-los para um outro serviço, ou mesmo se simplesmente negará qualquer alternativa de assistência.

É importante perceber que os critérios adotados para estas decisões são muitos e bem variados. Às vezes, para a negação da intervenção, usa-se a falta de vagas, às vezes a inexistência de oferta do tipo de ação que se imagina que ele precisa, às vezes outros critérios muito próprios de quem está atendendo. Além disso, é importante reparar como este atendimento está sendo feito em termos do processo de "interseção" que a relação trabalhador/usuário representa

É importante também percebermos que os processos de "aceitação" do "problema de saúde/necessidade" também são muito variados, em termos dos distintos critérios adotados. Muito rapidamente, podemos dizer que são estes critérios que dão um certo sentido e concretude ao conceito de "necessidades de saúde" que o serviço opera, que o serviço utiliza. É aqui que se vê se o "problema de saúde/necessidade" representado pelo usuário vai ser ou não base para se construir as relações em jogo, para o usuário, a "necessidade de saúde", neste momento, está sendo representada e sentida como "um problema" que ele "sinceramente" vive como um sofrimento, ou risco de sofrimento, e que ele "traduz" como uma "questão de saúde" a ser enfrentada com a ajuda de "alguém".

É possível se perceber com facilidade, como aqui indiscutivelmente o "autogoverno" do trabalhador é muito amplo, podendo exercê-lo sob um processo intensamente privatizado e fragmentário, ou não, dependendo centralmente dos modelos de atenção e de gestão, entre outras intencionalidades.

(produzido a partir do texto do capítulo 2 do livro AGIR EM SAÚDE , já citado)

#### **Parte 4 - Enfim, algumas perguntas para serem partilhadas coletivamente**

Após a realização destes exercícios e da testagem da aplicação deste conceitos tratados neste texto, seria interessante que pudéssemos abrir uma reflexão mais coletiva sobre a prática da vigilância sanitária iniciando-se pela pergunta: qual é o seu objeto? Qual é sua finalidade de ação? Quem são os verdadeiramente interessados nisso? Qual a sua caixa de ferramentas? Que tecnologias duras fazem parte desta caixa? Quais as leve-duras e as leves? Como seria possível a vigilância incorporar o tema do exercício do autogoverno dos trabalhadores no interior dos processos de trabalho? Qual é a caixa de ferramentas que pode ser adequada para este campo de intervenção em saúde? Da caixa herdada, o que podemos dizer sobre a sua eficácia de intervenção em processos “trabalho vivo em ato centrados”?